

PAISAGEM BRASILEIRA: DO RETRATO PICTÓRICO AO RETRATO FOTOGRÁFICO

Verônica Mendes Borges Barbosa

veronikmbbarbosa@gmail.com

Caroline Leal Bonilha

bonilhacaroline@gmail.com

RESUMO

O estudo tem como intuito analisar a representação da paisagem brasileira através de imagens representativas da pintura e da fotografia dos séculos XIX, XX e XXI. Serão estabelecidas relações entre os suportes assim como com a produção imagética contemporânea. O objetivo é investigar detalhes permanentes e modificados ao longo da história e destacar os diferentes pontos de vista dos artistas trabalhados. O estudo apontará as semelhanças e destacará as diferenças entre os dois suportes quando um mesmo objeto é posto diante do artista.

Palavras-chave: Paisagem, pintura, fotografia.

INTRODUÇÃO

Os pintores que propagaram o Brasil com suas obras no século XIX, testemunharam um país que era caracterizado por uma situação política e econômica dependente da colônia e definida por uma civilização escravocrata e agrária. O país era governado por uma monarquia que somente incentivava a criação artística se houvesse influência da Academia Imperial de Belas Artes. Vários artistas europeus viajantes vieram para o Brasil com o intuito de registrar o que viam para comercializar na Europa. Porém, alguns permaneceram, principalmente após a criação da Academia em 1826.

Poucas décadas depois com a invenção da fotografia, o ato de registrar sofreu alterações importantes, as imagens eram feitas com mais rapidez e consideradas mais “verdadeiras” dadas à concepção do público que ficou pasmado com a nova tecnologia. Com isso, a pintura como forma de registro, tanto cartográfico quanto artístico das

cidades e de seus contextos sociais foi deixada um pouco de lado, principalmente por conta do fácil acesso do público a fotografia. Para a paisagem no século XIX, ambas foram de grande importância para relatar o espaço urbano e natural tanto na primeira metade do século com a pintura, quanto na segunda metade com o surgimento da fotografia. O estudo tem o intuito de apresentar os pontos de vista dos paisagistas fotógrafos e pintores e investigar seus modos de ver e representar a paisagem. Para isso serão analisados os trabalhos pictóricos de Jean Baptiste Debret na aquarela “O Corcovado”, Manuel de Araújo Porto Alegre com “Selva brasileira”, Johann Moritz Rugendas com “Botafogo”, Georg Grimm com “Vista da Ponta de Icaraí” e Nicolas Antoine Taunay com “Morro de Santo Antônio”. No campo da fotografia apresentaremos as imagens de Marc Ferrez com “Praia de Botafogo” e “A Baía da Guanabara Vista de Niterói”, Luiz Carlos Felizardo com “Gnomos” e Cesar Barreto com “Jardim Botânico” e outras obras da série “Rio Pitoresco”.

DO PICTÓRICO AO FOTOGRÁFICO

No século XVI foram fundadas as primeiras vilas e cidades no Brasil. Entre as vilas estavam Olinda, Piratininga, Santos e São Vicente enquanto as primeiras cidades foram Rio de Janeiro e Salvador. No início do processo de colonização e urbanização o registro histórico de cunho paisagístico era realizado através de ilustrações e gravuras de índios, foi em 1637 que junto a Maurício de Nassau, Frans Post chegou ao Brasil com o intuito de registrar e documentar as paisagens através de suas pinturas (DE ARAGÃO, 2009).

Fato semelhante ocorreu tempos depois no século XIX, a paisagem brasileira já apresentava mudanças principalmente no Rio de Janeiro com a chegada da Corte em 1808, houve mais transformações com a Missão Artística Francesa em 1816, como relata a arquiteta e urbanista Solange de Aragão no seu artigo:

Com a chegada da Missão Artística Francesa, que divulgou novos gostos e novos padrões estéticos, com a criação de novas ruas, de novos bairros, com a construção de edifícios segundo outros padrões arquitetônicos e uma nova forma de concepção do espaço construído. (DE ARAGÃO, 2009. p 138)

Os pintores estrangeiros retrataram as paisagens brasileiras nas primeiras décadas do século XIX, nessas representações o espaço urbano estava iniciando o

processo de transformações. Já os fotógrafos, tanto os brasileiros quanto os estrangeiros, começaram a exercer a mesma função em meados do século, quando muitas transformações já haviam acontecido.

PINTURA COMO REGISTRO HISTÓRICO

No ano de 1816 chegava a Missão Artística Francesa que traria com o apoio de Dom João VI, pintores conceituados ao Brasil. Tal acontecimento foi de grande importância, pois dá início a uma nova etapa histórica no campo da pintura no século XIX. Um dos primeiros pintores franceses que vieram ao Brasil foi Jean Baptiste Debret (1768-1848) que permaneceu até 1831 registrando não só paisagens, mas também a sociedade brasileira, retratando principalmente cenas do cotidiano escravocrata.

Em 1824, no Rio de Janeiro Debret e seus alunos sobem o Corcovado seguindo a trilha que Dom Pedro I e sua tropa fizeram com o intuito de fortificar os pontos de defesa na Baía do Rio de Janeiro na época da independência, onde instalou um telégrafo de sinalização visual que serviria para avisar quando uma frota portuguesa se aproximasse. O topo do Corcovado e o telégrafo são retratados por Debret (figura 1) que em três horas realiza uma série de panoramas em aquarela (figura 2 e 3) da visão do topo.



Figura 1: Cabana dos telegrafistas no alto do Corcovado, Debret 1824, prancha 52, aquarela nº 1.
Fonte: Debret no alto do Corcovado: 1824. O mirante telégrafo estratégico e as aquarelas de Debret.
<http://vfco.brazilia.jor.br/Trem-Turistico/Estrada-Ferro-Corcovado/1824-Debret-Corcovado.shtml>



Figura 2: Entrada Baía da Guanabara, Corcovado, Debret 1824, prancha 53.

Fonte: Debret no alto do Corcovado: 1824. O mirante telégrafo estratégico e as aquarelas de Debret.
<http://vcco.brazilia.jor.br/Trem-Turistico/Estrada-Ferro-Corcovado/1824-Debret-Corcovado.shtml>



Figura 3: Lagoa Rodrigo Freitas, Corcovado, Debret 1824, prancha-54.

Fonte: Debret no alto do Corcovado: 1824. O mirante telégrafo estratégico e as aquarelas de Debret.
<http://vcco.brazilia.jor.br/Trem-Turistico/Estrada-Ferro-Corcovado/1824-Debret-Corcovado.shtml>

Outro artista viajante que chegou ao Brasil, dessa vez em 1821, foi o alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858) veio como membro da expedição científica de Georg Langsdorff e pintou paisagens no Rio e em Minas Gerais, logo depois seguiu sozinho viajando pelo interior do país com o intuito de coletar material para suas obras e obter novos conhecimentos. Rugendas pintava também cenas do cotidiano, todas elas ele registra em seu livro *Viagem Pitoresca ao Brasil* de 1835 que apresenta também cenas da escravidão.

Assim como Rugendas, Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) retratou diversas paisagens do Rio de Janeiro, entre os anos de 1816 e 1821 realizou cerca de 30 pinturas da cidade. Taunay era paisagista, porém quando veio ao Brasil teve de pintar obras figurativas, mas sem se desvincular da natureza a qual ele mesmo se refere como sua única mestra. Encantado com as paisagens tropicais que o país oferece, avistou grandes possibilidades de aprofundar seu conhecimento enriquecendo de novas formas.

Em 1817 Thomas Ender (1793-1875) junto à Expedição Científica de História Natural de Langsdorff desembarca no Brasil com a comitiva da princesa Leopodina. Através da missão, registrou as principais características da cidade do Rio de Janeiro

realizando numerosos quadros de paisagens, porém não publicou nenhum álbum com seu material.

Thomas Ender fez parte de grandes pintores viajantes que tiveram e ainda tem uma importância significativa para o registro histórico e científico do país. Com a criação da Academia Imperial, muitos discípulos seguiram o mesmo rumo, como Manuel de Araujo Porto Alegre (1806-1879), nascido em Rio Pardo (RS) foi para o Rio de Janeiro em 1827 sendo seguidor de Debret se tornou mais tarde diretor da Academia de Belas Artes.

Outro grande pintor da paisagem brasileira foi Georg Grimm (1846-1887) chegou ao Brasil em 1868 e no primeiro momento passou a trabalhar como decorador, que pintar paisagens ainda não garantia seu sustento. Assim como outros artistas viajou para o interior do Brasil retratando belas paisagens, voltou ao Rio em 1882 e apresentou seu trabalho em uma exposição promovida pela Academia Imperial de Belas Artes chamando a atenção para sua experiência como paisagista, em seguida foi nomeado professor paisagista da Academia. No mesmo período em que Grimm fazia seus registros a fotografia começava a se popularizar cada vez mais.

A criação e posterior popularização da fotografia fez com que a pintura fosse gradualmente substituída no ato de registrar características ambientais. Ainda que em sua origem a fotografia não fosse considerada por muitos como forma artística, pois precisava de um aparelho tecnológico para realizar a imagem, como relata Solange de Aragão (2009), no processo de transição da pintura para a fotografia, a paisagem brasileira passou por grandes transformações:

A cidade que apareceu na pintura paisagística da primeira metade do século XIX e na pintura de cenas, costumes e fatos históricos, apareceu na fotografia de paisagens em fins de oitocentos, já transformada em vários de seus aspectos arquitetônicos e urbanísticos. Os fotógrafos paisagistas assumiram o papel dos pintores viajantes no registro de imagens de ruas e cenas urbanas. (DE ARAGÃO, 2009. p 141)

DO SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA AOS DIAS DE HOJE

No Brasil, o processo de criação da fotografia teve uma contribuição importante de um desenhista francês chamado Hercules Florence (1804-1879). Florence chegou ao Brasil por conta de sua participação na expedição científica de Langsdorff em 1829. Era conhecido por fazer desenhos científicos com uma incrível aproximação da realidade.

Florence se aprofundou nas selvas brasileiras passando por Rio de Janeiro, Mato Grosso, Grão Pará e São Paulo descrevendo através de seu desenho as tradições e a paisagem por onde havia percorrido. Logo em seguida que chega ao Brasil, Florence inicia sua experiência com impressão chegando a técnica de poligrafia, paralelamente se ocupava com estudos de sombra na pintura e na criação da câmara escura.

A câmara escura era composta por uma caixa preta, uma lente de óculos, espelhos, nitrato de prata e jogo de luz que assim possibilitava capturar imagem. Com ela, Florence conseguiu se aproximar da invenção da fotografia chegando a usar amônia e urina para dissolver o cloreto de prata que não foi atingido pela luz como informa no livro *Fotografia no Brasil* de Angela Guimarães e Nadja Peregrino (2004):

Foi essa busca que levou também a experimentar a impressão direta pela ação da luz solar, abandonando a câmara escura. Em 1833, Florence chega então a resultados mais conclusivos dessas experiências em curso – ano que marca a descoberta da fotografia em nosso país. (MAGALHÃES, PEREGRINO, 2004, p. 20)

Anos depois outros especialistas na área como Joseph Niepce (1765 – 1833), Louis Darregue (1787–1851), Henry Fox Talbot (1800-1877) também fizeram experimentos com nitrato de prata. Mesmo com a descoberta de Florence, ele não alcançou o reconhecimento pelo seu invento, quem as teve pela qualidade de suas imagens foi Darregue em janeiro de 1839, por mais que tentasse as impressões de Florence não tinha tanta qualidade e eram mais lentas. Depois de algumas décadas conseguiu o mérito pela a invenção no Brasil. Com o passar dos tempos outros especialistas aperfeiçoaram a técnica na fotografia tornando a mais popular.

Marc Ferrez (1843–1923) foi um dos precursores da fotografia teve o primeiro contato como fotografo amador aos 16 anos quando começou a trabalhar como auxiliar do engenheiro botânico Franz Heller (1835 – 1890), com a produção voltada ao Rio de Janeiro, fazia imagens da cidade tropical de forma mais ampla e nítida através de uma câmara que mandou construir em Paris com chapas diretas permitindo a extensão da imagem fazendo com que obtivesse esse efeito. Com o sucesso de sua produção, conseguiu se estabilizar rapidamente. Ferrez retratou diversas fotos de ruas, prédios e de paisagens trabalhando em escala de aproximação ele tentava focar áreas ajardinadas junto às de construções (DE ARAGÃO, 2009. p 141).

Augusto Malta nasceu em Alagoas em 1864, foi ao Rio em busca de novas oportunidades de trabalho, mas não teve sucesso. Foi aos 36 anos que decidiu tentar a

área da fotografia trabalhando como fotógrafo oficial da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Foi Malta que deu início a reportagem ilustrada ressaltando a importância da fotografia como documento vinculado à comunicação.

Esses grandes fotógrafos se tornaram ícones e até os dias de hoje possuem artistas fotógrafos que seguem seus passos. Cesar Barreto é um deles, por ter a mesma paixão que Marc Ferrez e Augusto Malta pelas paisagens do “Antigo Rio” retratou cenas cariocas a “moda antiga”. Assim como Malta, Cesar também foi contratado pela prefeitura do Rio para registrar a cidade atualmente antes das transformações que estava sujeita a passar por causa dos eventos como Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas. Também como Marc Ferrez e Augusto Malta, Cesar Barreto usa o mesmo aparelho fotográfico que usavam no século XIX, com isso as fotos preto e branco possuem a mesma delicadeza da época inclusive a forma de revelar é a mesma (figura6).



Figura 6: Jardim Botânico, Cesar Barreto, 2000, Rio Pitoresco.

Fonte: Cesar Barreto: o olhar nas nuvens e o coração no Rio. Museu de Arte do Rio.

<http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/cesar-barreto-o-olhar-nas-nuvens-e-o-coracao-no-rio>

Mas Cesar Barreto não é o único fotógrafo contemporâneo que registra paisagens de lugares históricos à moda antiga, outro grande fotógrafo faz o mesmo trabalho porém no Rio Grande do Sul, Luiz Carlos Felizardo nascido em Porto Alegre (1949), inicia sua carreira na fotografia publicitária e passa a documentar a paisagem urbana e natural do Rio Grande do Sul também utiliza câmeras de grande formato o que possibilita criar fotos mais detalhadas e acentua os tons de cinza. Em 1984, Felizardo estudou nos Estados Unidos e produziu ensaios fotográficos com supervisão do fotógrafo Frederick Sommer (1905-1999) ao retornar ao Brasil expos no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs) em Porto Alegre. Desde 2001, Felizardo

trabalha como colunista na revista Aplauso editada em Porto Alegre. (Itaú Cultural – Luiz Carlos Felizardo).

PAISAGEM DO PICTÓRICO AO FOTOGRÁFICO

Tanto na pintura quanto na fotografia o registro das paisagens urbanas e naturais tem grande importância, pois é através dessas imagens que é possível apontar o que permaneceu e o que foi transformado ao longo do tempo. Aqui faço comparações das mudanças que ocorreram na paisagem através dos pontos de vista de artista diferentes destacando seu modo de ver a paisagem.

Por mais diferentes que sejam os espaços fotografados, podemos notar grande semelhança entre as pinturas de paisagem e a fotografia no século XIX. Como a obra de Georg Grimm “Vista da Ponta de Icaraí” (1884), e a fotografia de Marc Ferrez “A Baía da Guanabara Vista de Niterói” (1890), ambas retratam diferentes praias de Niterói, porém o lugar parece ser o mesmo. Na pintura de Grimm (figura 7), é retratada a praia do Bairro Icaraí em Niterói (RJ) e a fotografia de Marc Ferrez (figura 8) é localizada na Baía da Guanabara no bairro de Urca (RJ) e o enquadramento é a ponta da Praia de Dentro.

Na obra pictórica o céu e o mar apresentam tonalidades mais claras se contrapondo as pedras e areia que recebem tonalidades mais escuras, as figuras humanas e o barco são ofuscados pela grande rocha no lado esquerdo da pintura. Grimm utiliza o branco para dar movimento no mar e no céu e destaca detalhes na areia e nas pedras. Já na imagem de Ferrez, a sensação de movimento é transmitida através do mar, o céu e o fundo se apresentam de forma chapada.



Figura 7: Na imagem a esquerda, Vista da Ponta de Icaraí, Georg Grimm, 1884
Fonte:http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Johann_Georg_Grimm_1884,_Vista_da_Ponta_de_Icara%C3%AD.jpg.

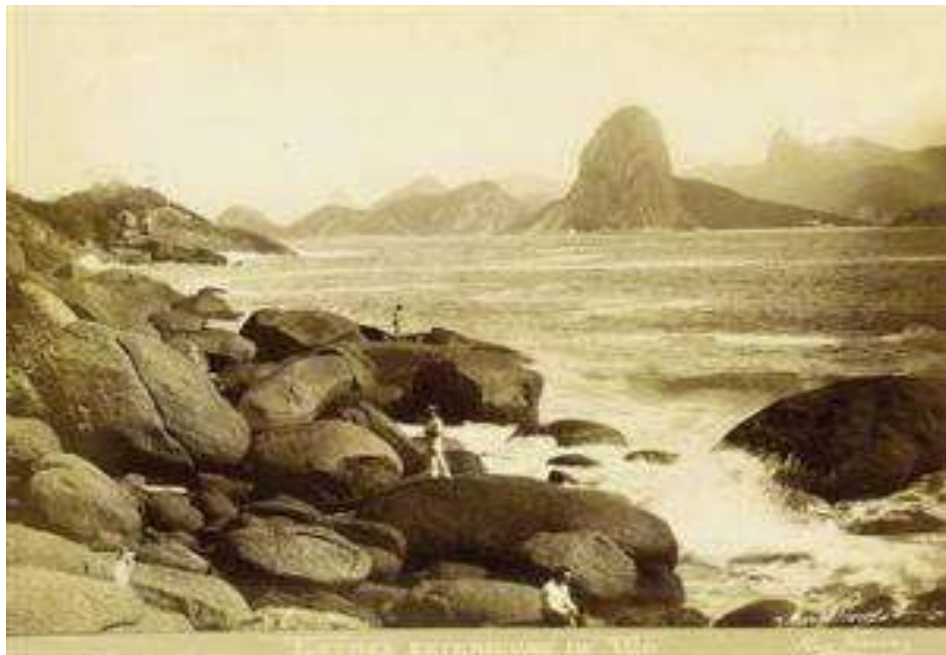


Figura 8: Na imagem a direita, Pão de açúcar e Urca, vista da praia de Dentro, 1885.
Fonte: Mestres da luz: Marc Ferrez.<http://deixadenerdice.wordpress.com/2011/04/18/mestres-da-luz-marc-ferrez/>

Outras obras que retratam as praias do Rio de Janeiro são as de Rugendas e Marc Ferrez. A obra de Rugendas “Botafogo” de 1820 (figura10) nos mostra de forma romântica como era a praia do Botafogo no início do século XIX. No final do mesmo século Marc Ferrez em “Praia de Botafogo” 1893 nos apresenta a mesma praia no mesmo ângulo, de forma mais realista transparecendo detalhes. Podemos reparar a construção da cidade na lateral direita e a transformação com o passar dos anos. Outro aspecto idêntico é a figura humana no lado direito da imagem



Figura 10: Na imagem esquerda, Botafogo, Rugendas, 1820.
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rugendas_-_Botafogo.jpg



Figura 11: Na imagem direita, Praia de Botafogo, Marc Ferrez, 1893.
Fonte: Panoramas FAAP. <http://www.faap.br/hotsites/panoramas/english.asp>

Outras imagens do Rio de Janeiro registradas de pontos de vista diferentes e de lugares também diversos podem ser contempladas nas obras “Vista do Bairro da Glória” (1925) fotografia de Augusto Malta (Figura12), a partir dela podemos estabelecer uma relação com a obra pictórica de Nicolas Antoine Taunay “Vista do alto do morro de Santo Antônio” (Figura 13) nos permitindo ver e comparar dois pontos da cidade através de diferentes bairros e diferentes ângulos, fazendo outra relação com a fotografia do filho de Marc Ferrez, Luciano Ferrez, expondo o morro de Santo Antonio (Figura14) na mesma época que Augusto Malta fotografou o Bairro da Glória sem deixar de notar o crescimento da cidade com o surgimentos de carros e mais prédios.

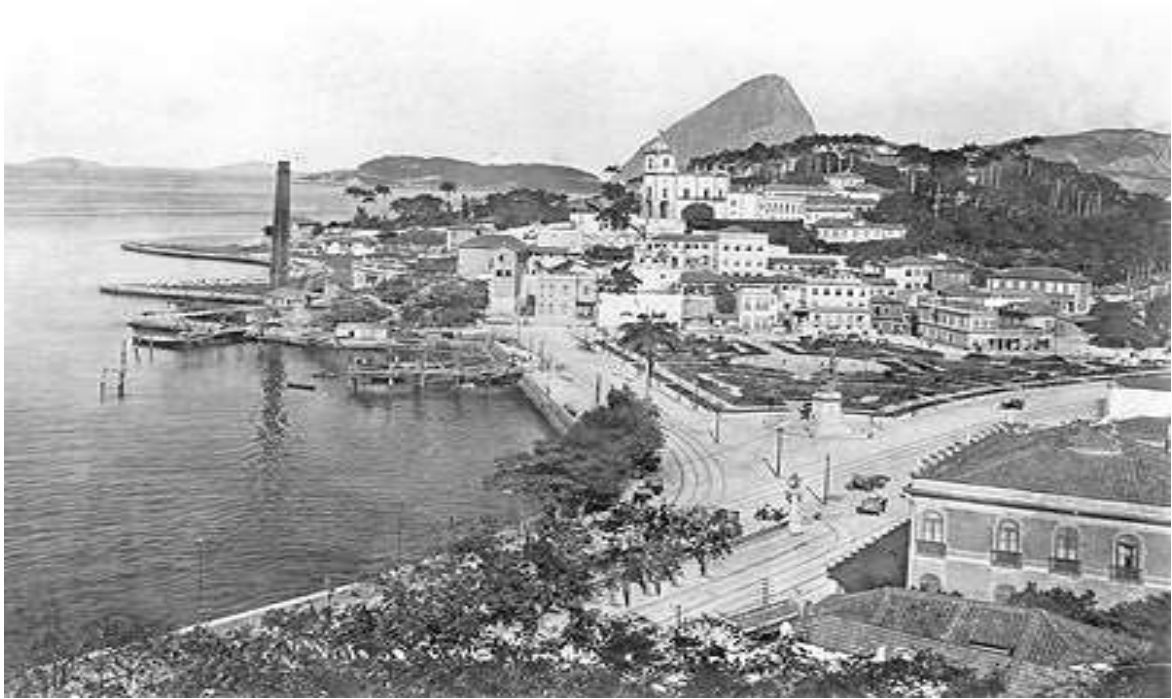


Figura 12: Acima, na primeira imagem, Vista do Bairro da Glória, Augusto Malta, 1925.
Fonte: <http://literaturaeriodejaneiro.blogspot.com.br/2006/11/imagens-do-rio-antigo.html>.



Figura 13: No lado esquerdo, Vista do morro de Santo Antonio, Nicolas Taunay, 1816.
Fonte: <http://edu-cacao.blogspot.com.br/2011/07/artistas-viajantes.html>



Figura 14: No lado direito, Lapa vista do morro de Santo Antonio, Luciano Ferrez, 1945.
Fonte: <http://edu-cacao.blogspot.com.br/2011/07/artistas-viajantes.html>

Quando se relaciona as obras do Rio de Janeiro não podemos esquecer de mencionar as aquarela de Debret no início do século XIX, registrando o Corcovado através de panoramas. Cesar Barreto fez o mesmo como mostra no seu livro de imagens “Rio pitoresco”, que contém 62 imagens. Também composto por alguns panoramas, Cesar apresenta diferentes ângulos do Corcovado (figura 13).



Figura 13: Imagem do livro Rio Pitoresco, Cesar Barreto.
Fonte: <http://vejario.abril.com.br/materia/cidade/historias-cariocas-121/>

A obra de Manuel de Araujo Porto Alegre “Selva brasileira” (sem data) (Figura 14) que provavelmente tenha referência nas florestas do Rio de Janeiro, podemos ver semelhanças com obra fotográfica de Luiz Carlos Felizardo “Gnomos” (1984), mesmo ambos artistas sendo gaúchos, as paisagens são retratadas em diferentes lugares porém podemos notar grandes semelhanças entre elas.

Na fotografia que relacionamos de Felizardo (figura 15) a principal semelhança é o ângulo da foto. Porém, a pintura possui dois planos, o primeiro é composto por árvores e galhos e o segundo por pedras e rochas compondo uma pequena cachoeira. Já a imagem fotográfica está em primeiro plano. Notamos a presença das pedras mas não da cachoeira. Algo interessante da comparação é que a pintura de Araújo Porto Alegre de meados do século XIX, colorida feita em aquarela se contrapõe com a fotografia atual de Felizardo em preto e branco. É importante ressaltar que a obra de Felizardo foi produzida em Prescott EUA, no período em que estudou na cidade.



Figura 14: Na imagem à esquerda, Selva brasileira, Manuel de Araujo Porto Alegre, sem data.
Fonte: <https://prefaciocultural.wordpress.com/tag/araujo-porto-alegre/>



Figura 15: Na imagem à direita, Gnomos, Luiz Carlos Felizardo, 1984.
Fonte: <http://www.bolsadearte.com.br/site/pt/artista.asp?codConteudo=336>.

CONCLUSÃO

O ato de registrar sempre esteve muito presente na cultura humana. Aqui no Brasil, começou com mais relevância a partir do século XIX, com a chegada da Corte portuguesa em 1808, o país foi cenário para várias transformações que ocorreram na paisagem urbana e natural principalmente no Estado do Rio de Janeiro, onde a monarquia se instalou. O mais interessante é termos acesso a essas transformações através dos documentos históricos e científicos deixados por esses grandes artistas.

O intuito do estudo que ainda está em andamento é valorizar o trabalho desses grandes artistas acentuando sua importância não só para a paisagem brasileira, mas também para o registro da sociedade urbana. Partindo da pintura para a fotografia dos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

CAMPOFIORITO, Quirino. **História da pintura brasileira no século XIX**. Rio de Janeiro: Pinokothek, 1983.

MAGALHÃES, Angela, PEREGRINO, Nadja. **Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo** – Rio de Janeiro: Funarte. 2004

FELIZARDO, Luiz Carlos. **O relógio de ver.** Gabinete da fotografia – Porto Alegre. 2000

ZANINI, Valter. **História geral da arte no Brasil.** São Paulo. Instituto Walther Moreira Salles, 1983

DEBRET. **A viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1980. 121 p.

DE ARAGÃO, Solange. **A cidade brasileira na pintura dos viajantes e na fotografia do século XIX.** São Paulo, 2009. V Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP

<http://vfco.brazilia.jor.br/Trem-Turistico/Estrada-Ferro-Corcovado/1824-Debret-Corcovado.shtml>